

Um legado de Lúcio Craveiro da Silva Adriano Moreira*



Nesta celebração de Lúcio Craveiro da Silva, na cidade dos Arcebispos que tanto amou e serviu, julgo que o mais indicado é tentar enumerar aquilo que está vivo do vasto legado que deixou, e muito deve servir de referência aos vivos envolvidos pela difícil circunstância do mundo e do país.

Aquilo que foi o seu trajecto de homem de fé, que recebeu o chamamento para servir como sacerdote, e que, sem dúvidas sobre a compatibilidade entre a fé e a ciência, enriqueceu a sua capacidade de servir com um aprofundamento pouco vulgar e transversal das ciências sociais, foi rigorosamente escrutinado e exposto pelo Prof. Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, quando da celebração dos 90 anos de vida do mestre de várias gerações de universitários.

* Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa. Presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa.

Por isso, nesta oração, aquilo que procurarei salientar é a riqueza de antecipações para a reformulação de um conceito estratégico nacional português, que reanime a nossa intervenção no mundo, com a urgência de, para tal fim, reanimar a vontade cívica de cada um, e a esperança partilhada pela comunidade em que nasceu e amou.

A intervenção profética que lhe pertence, sempre orientada pela sua fé de sacerdote da Igreja Católica, apoiou-se numa formação científica excepcional, sobretudo para a época da sua juventude em que o conceito da transdisciplina não era muito cultivado.

Cursou filosofia em Braga no então recente Instituto B. Miguel de Carvalho, dedicou anos ao estudo da literatura portuguesa, completou a formação teológica em Granada, depois aprofundou os estudos de economia em Bilbao, e de sociologia e política em Lovaina.

Esta é uma breve lembrança destinada a tornar mais evidente a novidade das perspectivas com que enriqueceu a indagação sobre a problemática portuguesa na balança da Europa e do mundo, abrindo caminhos e deixando neles marcas que o descaso de governos, e também de académicos, deixaram cobrir por alguma poeira do esquecimento. Tive durante longos anos o privilégio de emparceirar com ele na Junta Nacional de Educação, e ali comecei a admirar o espírito inovador, a persistência sempre acompanhado pela bondosa compreensão das objecções ou das desatenções, numa instância onde todavia se destacaram algumas das então mais ilustres autoridades académicas, e frequentemente algum avanço era possível apoiado na lúcida presidência do Dr. João de Almeida.

Era evidente que o regime insular das instâncias universitárias, que não favorecia a troca recíproca dos saberes, nem o reconhecimento fácil de saberes titulados no estrangeiro, constituía um desafio para um professor que ganhara o saber e a autoridade numa circulação, então pouco vulgar, por variados ambientes universitários.

Desde logo, o exemplo notável foi o de Lúcio Craveiro da Silva não ter adoptado o perfil, que mais tarde e agora se multiplica, do estrangeirado que na sua terra não encontra qualidade que o retenha, necessidade a que o civismo o prenda, projecto que não seja subsidiário de dinamismos situados em lonjuras.

Muito pelo contrário, este homem sábio, sempre lembrado da sua pertença ao povo de Deus que não tem fronteiras, encontrou na sua vinculação à maneira portuguesa de estar no mundo, esta uma expressão minha que por esse tempo teve circulação, e que identificou com rigor o seu eixo da roda, a referência orientadora de uma intervenção com novidade e êxito.

E foi justamente a experiência vivida no estrangeiro que avigorou o seu portuguesismo. Escreveu: "por estas experiências pessoais, por contraste, comecei a compreender melhor o que é ser português. Tal como aconteceu, noutra clima e noutras circunstâncias, a Alçada Baptista. Não construímos a nossa vida para o dinheiro como os belgas, recebemos com deferência os nossos hóspedes e não só lhe cedemos o melhor que temos mas nem sequer os obrigamos a falar a nossa língua e somos nós a falar a sua. Não somos um povo isolado e orgulhoso como o inglês, não cultivamos a violência e a atrocidade como os castelhanos, apreciamos a boa convivência não só entre nós mas também com os outros povos, respeitamos os seus costumes e as suas preferências, somos capazes até de passar necessidades para acudir aos outros quando precisam. Apreciamos acima de tudo uma vida humana, convivente, generosa, e, sendo possível, amiga. Por isso afirmo que somos diferentes".

Trata-se de um texto que nos obriga a recordar que ninguém escolhe o povo onde nasce, mas decidir ficar é um acto de amor: Lúcio Craveiro da Silva, praticou esse acto de amor, e desafiado pelas diferenças e contrastes, decidiu ficar.

Mas este ficar foi iluminado por um civismo activo, que não dispensou a familiaridade com os utopistas do V Império como o Padre Vieira, com o tormento de Antero que tanto o ocupou, com as "interrogações vivas e livres da (sua) vida interior de homem religioso e poeta-filósofo da *Saudade* de Pascoaes, mas sobretudo, para a questão que mais me interessa, com o pensamento de Abel Salazar sobre a Universidade, a cultura e a inovação tecnológica. Convém recordar que durante a vida de Abel Salazar, tendo sido muito discutida a problemática da Universidade, a contribuição deste foi também das mais valiosas, e também das que foram objecto de perseguição política, pela defesa da liberdade criativa do estudante livre e independente, que afirmou ser "condição *sine qua non* duma democracia cívica e da renovação do carácter nacional". Nestas palavras estava o princípio que chamou a Universidade para fora dos claustros, para prestar serviço à sociedade.

Mas a mais prestante inovação de Craveiro da Silva foi a de avaliar a relação de Portugal com a sua circunstância, no sentido de Ortega, e claramente assumir, pregar, e praticar, que a excelência técnica e científica, em todos os domínios do saber, era a ambição irrenunciável para que o país enfrentasse com êxito a nova e já desafiante competitividade mundial.

Nesta linha é já em 1948 que adverte: "uma nação, como a nossa, em que a natureza, se não foi avara, também não quis ser pródiga, que se vai esgotando pelo desgaste dos séculos, temos de completar com o talento, a arte e a técnica, o que nos falta ou escasseia em recursos". Com esta visão, o filósofo, o sacerdote, o humanista, o português, logo em 1964, uma data de anúncios de desastres para Portugal, assume a Direcção do Instituto Superior Económico e Social (1964-1971) de Évora, onde criou o curso de Gestão de Empresas, porque, explicou, "não basta (para isso) dominar o mecanismo exterior dos negócios; é preciso infiltrar nas suas mentes [dos estudantes] a mais perfeita inteligência da significação social, económica das actividades comerciais, industriais, e da política económica, e o importante papel que as empresas representam na evolução do mundo moderno".

Acrescentou assim ao património português um elemento que fortaleceu a presença da Universidade Católica, quando, em 1974, o desastre revolucionário da rede pública pode encontrar ali o apelo e a referência do regresso irrenunciável ao conceito da excelência.

Sobretudo na sabedoria com que advertia, mas nesse caso com menos êxito, para a necessidade de repudiar uma teologia de mercado, sem referências éticas, que viria a dominar a cena mundial, conduzindo ao desastre financeiro que amargura a economia real de todos os países, com efeitos colaterais de severidade agravada nos países pobres.

Nesta entrada no III Milénio, uma limitada informação da história dos países e das instituições, encaminha algumas instâncias governamentais, também entre nós, para a convicção de que é apropriado ignorar que, designadamente as universidades, são titulares e reservas de um passado com futuro, e não um futuro cortado das raízes. Um erro de perspectiva que dispensou procurar em homens como Abel Salazar, Miller Guerra, Manuel Antunes, e, no nosso

caso, Craveiro da Silva, inspiração e lição atempada, para antes de tudo evitar a alienação no pensamento comprometido de uma OCDE, chamada a elaborar o programa de governo, com uma forte componente de submissão à teologia de mercado que envenenou a economia mundial com produtos tóxicos, que encaminha os estudantes para o conceito de clientes, e que ignorara a diferente circunstância de países ricos e de países pobres ao aderir à falida tese do fim da história.

A reacção que por toda a Europa prega e até implica o regresso à ética, já teve expressão institucionalizada na Associação de Academias Europeias, que desenvolveu um programa de formulação da ética do governo, das profissões, da economia, do civismo, da ordem internacional. Uma questão a respeito da qual Craveiro da Silva não pregou apenas pela palavra, porque também pregou pelo exemplo, pela intervenção inovadora no ensino, pela dedicação cívica.

Um exemplo que se apoiou na metáfora do eixo da roda, um dia formulada por Charles Morgan, e a qual frequentemente recordo: a roda passa por todas as paisagens, e o eixo acompanha a roda, mas não anda.

Foi assim que a mudança radical da posição e função de Portugal na Balança da Europa e do mundo, para recuperar aqui a formulação de Almeida Garrett, e que avaliou com rigor, lhe permitiu assumir as responsabilidades que lhe pertenceram na construção desta Universidade do Minho, acolhendo como que simbolicamente alguns dos melhores talentos regressados do ultramar, mais uma vez já em busca de um futuro com passado, olhando realisticamente para o novo futuro europeu do país. Como que simbolicamente, iniciou a docência a reger a História da Cultura Portuguesa, compreendeu a urgência de organizar os estudos das relações internacionais porque o aprofundamento da perspectiva das interdependências crescentes não podia ser adiado, e finalmente assumiu o sacrifício de suspender a docência para "fazer os planos das obras a construir, orientar os cursos que estavam em desenvolvimento, resolver os problemas que surgiam da parte do ministro, que às vezes eram terríveis, procurar encontrar o dinheiro suficiente para viver, procurar escolher bem os professores, porque um professor mal escolhido não tem remédio". O lugar destacado que a Universidade do Minho tem na avaliação internacional prova que o fruto recompensou a sementeira.

Mas o *eixo da roda* também inspirou o cuidado e a advertência em relação a um tema desafiante que agora ocupa a UNESCO e inquieta os governos que o incluem no seu programa de responsabilidades: trata-se da identidade dos povos, do património imaterial que é parte do património comum da humanidade.

Não se trata apenas de identificar esse património com neutralidade científica, nem apenas de o arrumar com parcialidade nacional, trata-se de reconhecer que se multiplicam os factores de erosão, os quais não se confundem com a abertura à aquisição de contribuições vindas de outras culturas, aceitar que entre aqueles factores susceptíveis de produzir erosão se encontram eventualmente as transferências de competências da soberania para sedes europeias, mas que se trata em primeiro lugar da globalização da propagação de modelos pela informação e pela imagem, trata-se da crescente transformação das comunidades nacionais em comunidades multiculturais, neste caso muito pelo descontrolo das migrações. Este descontrolo já demonstrou agressões quase incontroladas de rutura em países europeus, com a gravidade de confrontar a sociedade civil – bem identificada pelo seu tecido cultural – com a *multidão* recebida sem políticas de acolhimento, de integração, ou de assimilação final.

Neste caso, Lúcio Craveiro da Silva, que enriqueceu o seu portuguêsismo com a síntese que formulou dizendo – "a cultura e os problemas portugueses são a casa onde vivo e respiro", documentou a atitude em textos preciosos como – *Ser Português: Ensaios de Cultura Portuguesa* (2000), *Ensaios de Filosofia e Cultura Portuguesa* (1994), e *Estudos de Cultura Portuguesa* (2002). Trabalhos que, repita-se, não devem ser ignorados pelos responsáveis pela racionalização da rede nacional de investigação e ensino, cuja atitude de descaso em relação à filosofia, à história, às humanidades em geral, parece ter origem nos cálculos de rentabilidade económica que também mereceram a admiração do socialismo de mercado abrangente de todas as actividades. Esquecendo, deste modo, que o tecido social é com as humanidades que fortalece as suas malhas, e que sem um tecido social forte não existe o valor da *confiança*, sem o qual não funciona a vida habitual, não se preserva a confiança da relação da sociedade civil com o Estado, não progride a confiança no futuro nem a decisão de enfrentar as crises com solidariedade cívica. Alimentado ele pelo estudo dos filósofos portugueses, fortalecido desde a juventude pela Escola Conimbricense, dialogante, como recordamos, com Antero, com Vieira, com

Pascoaes, de facto não descurando a mensagem essencial do mito do V Império, foi regressando à *Bracara Augusta e às lições da História*, que aqui firmou o seu púlpito de mestre da maneira de ser português para os novos tempos, alimentado pelas raízes para encarar sem temor e com esperança o futuro com passado.

Por isso o cidadão atento, e o intelectual informado que era, adverte que pensa, não sem emoção, no "encerramento da nossa epopeia Além-Mar", a ser substituído pelo Aquém-Mar da Europa, seguro de que "as vicissitudes, transformações, defesa e persistência da cultura da *Bracara Augusta* de dois milénios ajuda-nos a renovar a esperança e a não recear esta nova aventura se formos fiéis à tradição deste povo original, criador e livre que sabe caminhar com as próprias lições da experiência que lhe foi ensinando a aproveitar a ajuda dos outros povos no fazer coincidir as suas necessidades com os interesses deles, já que de graça, ou por simples generosidade, ninguém nos ajudou nem estará do nosso lado". Um passado com futuro, um futuro com raízes.

E por isso que qualquer celebração de Lúcio Craveiro da Silva não tem que ver com um desaparecido chamado ocasionalmente à memória dos vivos.

Trata-se sempre de lidar com o que está vivo, com o que modestamente chamou "Pegadas no Caminho" (1976), como se fosse de areias o seu caminho: de facto são pegadas deixadas nas memórias e almas por onde passou, e muito evidentemente deixadas na *alma mater* de todos os que asseguraram a vida e obra da Universidade a cujos alicerces se incorporou. Ensinando que, na terra, apenas a cultura tem a vocação da eternidade, praticando que decidir ficar no povo onde nos aconteceu nascer é um acto de amor, realizado por ter dado um conselho, um aviso, uma advertência, um passo em frente, exercendo a arte de ser português, pregando pela palavra e pelo exemplo, firme na fidelidade ao eixo da roda, aos valores sem os quais tudo se encaminha para a apagada e vil tristeza dos povos, das instituições, das pessoas. Seguro em cada decisão, cada projecto, cada intervenção, – porque não tinha dúvidas a respeito da sua primeira e definitiva inspiração: Pai Nosso, que estais no Céu.